

A Casa Está Cheia: coisas e animais na casa brasileira na obra de Gilberto Freyre

The House is Full: things and animals in the Brazilian house in the work of Gilberto Freyre

Daniel Paz*

*Universidade Federal da Bahia, Brasil, danielmelladopaz@gmail.com

usjt
arq.urb

número 40 | abr - dez de 2025
Recebido: 31/10/2024
Aceito: 11/09/2025
DOI: [10.37916/arq.urb.vi40.770](https://doi.org/10.37916/arq.urb.vi40.770)



Palavras-chave:

Casa.
Método.
Interpretação..

Keywords:

House.
Method.
Interpretation.

Resumo

Para o escritor, intelectual e cientista social Gilberto Freyre (1900-1987) a casa está sempre cheia: de gente, animais, coisas, de corpos visíveis e invisíveis. Tudo se multiplicava pelos significados, por capas de sentimento, de valores, e até de correspondência mística entre as coisas. Apresentamos uma parte das camadas da realidade que Freyre tratou de interpretar em torno da casa, constituindo uma matriz de investigação particular. Nosso foco neste artigo vai para o simbólico e fantástico que ronda a casa, a partir do seu apoio no tangível, das coisas e animais. O mundo que Gilberto Freyre enxerga está repleto de pessoas, animais, coisas e evocações, onde o presente é atravessado pelo passado, real ou imaginário, em uma trama densa e emaranhada. O método interpretativo freyreano acaba sendo uma modalidade sociológica da doutrina das correspondências, onde se pode delinear uma espécie de portulano do imaginário, de aplicação ainda fecunda.

Abstract

In the view of the writer, intellectual and social scientist Gilberto Freyre (1900-1987) the house it is always full: of people, animals, things, of visible and invisible bodies. Everything was multiplied by meanings, by layers of feeling, values, and even mystical correspondence between things. We present in this paper part of the layers of reality that Freyre tried to interpret around the house, constituting a particular investigation matrix. Our focus is on the symbolic and fantastic that surrounds the house, based on its tangible support, the things and the animals. The world that Gilberto Freyre sees is full of people, animals, things and evocations, where the present is crossed by the past, real or imaginary, in a dense and tangled web. The Freyrean interpretative method ends up being a sociological modality of the doctrine of correspondences, where a kind of portolan of the imaginary can be outlined, with still fruitful application.

Introdução

Do grosso das pinturas de Telles pode-se dizer que parecem ilustrações para um compendio de *geographia physica*; e não paisagens para um livro de *geographia humana*. [...] Quasi tudo que é verde regional ele apanhou: desde o verde azulado do alto mar ao verde doentio dos mangues. Mas as casas, os homens, as barcaças, as jangadas, o interior dos engenhos – isso nunca interessou vivamente a Telles Junior. (Freyre, 1941a, p. 83).

O escritor, intelectual e cientista social pernambucano Gilberto Freyre (1900-1987) muito escreveu sobre a casa. Se elogiava no seu velho professor de desenho, o pintor Jerônimo José Telles Junior (1851-1914), o enorme mérito de criar os meios para traduzir poeticamente para as telas a paisagem pernambucana em todas as suas minúcias, as suas carências revelam o projeto pessoal de Freyre. Para ele, as paisagens tinham animais, os homens em movimento e suas criações. Da mesma maneira, não vê apenas as paredes da casa. Raras vezes explora uma planta baixa, uma abstração da mera construção. Ao contrário, a casa está sempre cheia.

Cheia de gente, da família grande e de suas extensões, dos criados e escravos, de mucamas aos meninos, moleques saindo por todos os lados, e aqueles visitantes tratados como parte da casa, apadrinhados e clientela, parteiras e o médico da família.

Cheia de animais: piolhos nos cabelos, cupins nas madeiras, formigas avançando sobre a comida na despensa, gatos discretos pelos cantos, gaiolas com passarinhos, cachorros a proteger a casa, toda sorte de criação de animais nos quintais, e mesmo peixes nos viveiros das sedes de fazenda ou sobrados mais nobres.

Cheia de móveis, como esteiras, camas e redes, mesas e cadeiras. Cheia de objetos, carregados de valor e ressonância, como relógios de pêndulo, pianos de cauda, álbuns de fotos, prataria e porcelanas, oratórios para comunicar-se com o mais além, facas de ponta. O quintal está repleto de coisas também, deixando de ser aquela área vazia das plantas baixas. Ao redor da casa estão pergolados e latadas, muros com grades, cacos de vidro ou leões, onde, do lado de fora, os famigerados moleques viviam “emporcalhando os muros e as paredes com seus calungas às vezes obscenos” (Freyre, 2004, p.35).

A casa está cheia de corpos visíveis, mas também dos invisíveis. Os santos estão por toda parte, próximos à família, ainda mais em períodos festivos ou de extrema necessidade. Também os mortos pairam na casa. Os antepassados ao lado das casas-grandes coloniais, no piso das igrejas e jazigos dos cemitérios, evocados nos retratos e álbuns de família. E as almas penadas, o espectro da doença e as versões fantasmagóricas de objetos inanimados, como carruagens ou tesouros enterrados que tanto avivaram a fantasia das pessoas de antanho. Fluidos invisíveis perpassavam a casa: o mau-olhado era afastado, a benção invocada com rezas, simpatias e talismãs, o poder curativo, com ladainhas e remédios caseiros. Criaturas informes vagavam no escuro da casa e nas noites das redondezas.

Tudo se multiplicava pelos significados, por essas capas de sentimento, de valores, e até de correspondência mística entre as coisas, atravessados por linguagens secretas que ensaiou interpretar – as garatujas dos muros, as tatuagens dos marinheiros, as escarificações dos africanos, os penteados e torços das negras, a linguagem em código das flores e dos leques, o idioma dos sinos repicando pelo ar. As casas, como ruas e lugares da cidade, eram cenário de lendas.

Freyre escreveu longas páginas reconstruindo a vida das pessoas que enxameavam pelas casas, revelando a presença das mulheres, dos escravos, dos meninos, então o lado oculto da sociedade. O cotidiano em vez da história política. Os bastidores da casa em vez dos espaços de representação social. A interioridade em vez das aparências.

Apresentamos uma parte apenas das camadas da realidade que Gilberto Freyre tratou de interpretar em torno da casa, que formam uma espécie de matriz de investigação, em aspectos mais gerais, conceituais. Olhava para a família, em toda sua extensão, e seu abrigo, a casa. Os móveis e sua hierarquia. A indumentária e sua hierarquia. Se algum deles, ou outro objeto, ganhava importância sobre os demais. Os rituais da casa, desde o mais simples, como simpatia e agouros, até o culto aos mortos, aos santos, aos orixás. Quais animais eram criados no lado de fora e dentro. Quais lhe invadiam e lhe parasitavam. Quais perigos, reais e sobrenaturais, ameaçavam a casa e a família.

Essa matriz se consolida em elementos específicos, que sempre atraem seu olhar para onde quer que vá, como barcos, jazigos, ex-votos, trajes, nomes e mesmo os corpos humanos, em seu formato, as marcas na pele, os cortes de cabelo.

Repetidamente o vemos aplicar esse “barema” – em profundidade no Brasil, mas também em suas viagens por Portugal e África. Notem-se as ausências que sentia nas pinturas de Telles Junior.

Maria Lúcia Pallares-Burke e Peter Burke (2009), em seu valioso trabalho sobre a história cultural e a sociologia do pernambucano, olvidaram-se de alguns elementos fundamentais: a dimensão do simbólico, e mesmo do fantástico, era um deles. E com ela, toda sorte de vínculos dos homens com as coisas, com os animais e com os entes sobrenaturais. O imaginário – lendas, superstições, agouros, pequenos rituais – faz parte da própria Cultura a ser estudada. Pode ainda ser tratado como importante indício, porta aberta para outros aspectos da sociedade, inclusive para algo ainda mais profundo: “a história que esse povo sente ser para ele mais real que a real; mais verdadeira que a que vem contada nos livros apenas lógicos, racionais, objetivos” (Freyre, 2010b, p. 327).

Como o intangível sustenta-se no tangível, dentro de uma matriz de investigação mais rica, vamos enfatizar aquela com mais claro apoio no concreto.¹ E o mote não deixou de ser dado pelo próprio Freyre, em título de obra sua publicada em 1979, *Pessoas, Coisas e Animais*. Fiquemos, por ora, com as coisas e os animais, para ilustrar sua abordagem.

O Império dos Objetos

Os objetos serviam para o historiador reviver o “tempo morto”, como dizia, e para evocar esse tempo perdido do seu passado, dado o caráter de anamnese de toda História, como acreditava Gilberto Freyre. E para revelar verdades profundas.

Freyre expressou em 1924 a ideia de que a arquitetura, o mobiliário e demais objetos podiam revelar algo que os homens e os livros omitiam: “[h]á casas cujas fachadas indicam todo o gênero de vida dos seus moradores. Os mais íntimos pormenores, os gostos, os hábitos, as tendências” (Freyre, 1964, p. 19). Também falavam os móveis, “esses outros surdos-mudos”.

Ele costumava elencar a miríade de objetos humanos para recompor os ambientes, das cidades e das casas em especial. Era uma técnica literária, que permitia ao

leitor sentir-se em um lugar ou época, como um método retórico, de persuasão pelo empilhamento de evidências, e ainda um método sociológico de investigação. Ainda que tipificadas, reconstituídas por recurso literário, correspondiam a lugares físicos onde uma pessoa podia ver cada um dos objetos ao seu redor. A enumeração servia ainda para outros propósitos.

Freyre enumerava objetos dispersos, mostrando, quando coeridos em um parágrafo, a presença de um processo unitário, como fez ao ilustrar a penetração dos ingleses na sociedade brasileira. Uma vez listadas as mercadorias, técnicas, costumes, valores e indivíduos, apreendemos a envergadura da participação dos ingleses no Brasil do Oitocentos, em todos os cantos da sociedade, em cada rincão do país.

[...] do pijama de dormir, do gorro de viagem, do revólver, do rifle esportivo, do macadame, do *water-closet*, do “jogo da bola” (*tennis*) e de outros esportes, da residência em suburbio, da sela inglesa, do pano inglês (superado pelo alemão), do relógio inglês (superado pelo suíço), da capa de borracha, do sapato inglês, do *water-proof*, [...] pela moda inglesa de roupa de homem, pela lã ou casemira inglesa, pela moda inglesa de gravata e de meia, pelo *dinner jacket* (aqui, como noutros países latinos, mas não na Inglaterra, chamada *smoking*), pela calça de flanela, pela *knicker-bocker*, pelo redingote (de *riding coat*), pelo chapéu inglês (o chapéu redondo que substitui entre nós o triangular), pelo chá das cinco, pelo molho inglês, pelo *soda-water*, pelo colarinho Eton para os meninos, pelo capacete de cortiça, pela mostarda, pelo sabonete inglês, pelo biscoito inglês, pelo tipo inglês de vinho do Porto ou de Jerez, pelo cachimbo inglês [...] (Freyre, 1948, p. 56).

E se a descrição dos ambientes correspondia a retratos estáticos, por meio dos objetos também lograva demonstrar processos de transformação. Em *Sobrados & Mucambos*, de 1936, o tempo inteiro Freyre exhibe a vasta mudança da sociedade brasileira, o abandono dos traços orientais e daquelas realizações luso-tropicais, substituídas pelos novos hábitos e produtos europeus – da Inglaterra, França e depois da Alemanha.

Os anúncios de jornal da época deixam bem clara a rápida substituição, nas casas da gente mais fina, do violão pelo piano inglês, da modinha pela música italiana ou francesa, do rapé da Bahia ou do Rio de Janeiro pelo charuto de Manilha, e,

¹“O intangível apóia-se no tangível” era mote sempre repetido pela Profa. Odete Dourado, em suas aulas e conversas sobre o patrimônio imaterial. Esse débito fica aqui registrado.

mais tarde, pelo de Havana, do doce ou do quitute brasileiro feito em casa pelo importado da Europa e adquirido na confeitaria ou na mercearia, do remédio igualmente caseiro pelo igualmente importado da Europa e adquirido na botica ou na drogaria, da rede de repouso pelo canapé, pelo marquesão e pela cadeira de balanço, do santo de cajá feito por santeiro da terra pelo importado da Europa e de feições puramente européias, do móvel feito por marceneiro pelo importado já feito de Portugal, de Hamburgo, da Inglaterra, da França e até dos Estados Unidos, da renda e do bico feitos na terra pelos fabricados na Europa e de lá importado, do vasilhame de barro pelo de ferro, pelo de vidro ou de cristal, das jóias de ouro e prata maciça feitas na terra pela importada da Europa [...] (Freyre, 2004, p. 517).

A enumeração é a da mudança de um elemento a outro. Nada escapa a esse grande fluxo. Cada pedaço do ambiente faz parte de um devir, e de um grande marco narrativo historiográfico que pode ser questionado, porém recupera cada elemento perdido no passado – a escarradeira, o rapé, a bengala, o anel, o oratório – e o situa nessa vasta sinfonia. O menor artefato ganha importância e torna-se um protagonista em potencial digno da História.

Toda essa atenção ao que hoje chamamos *cultura material*, aos “objetos materiais”, como dizia, não deveria ser confundida com um chão materialismo. Pelo contrário, eram todos “reflexos das chamadas ‘realidades imateriais’, nunca ausentes dos mesmos objetos” (Freyre, 2004, p. 608). A plêiade de artefatos de origem ou feição oriental do Brasil Colônia era indicadora do sistema patriarcal e sua religiosidade, na medida em que também estava presente no distante Oriente. Enquanto os objetos modernos europeus do Oitocentos traziam consigo o novo racionalismo, secularismo e individualismo.

A casa estava “caracterizada por um conjunto de objetos transobjetos [...] marcados por uma mística brasileira” (Freyre, 1979b, p. 21). Por “mística” Freyre entende o agregado de valores conferidos a algo em especial, destacando-o dos demais e correlacionando-o com outros aspectos da vida. Chamava de “quase místicos” artefatos como o chinelo de andar-se em casa e o relógio de parede, registro do tempo a quem cabia as lendas familiares em que se paralisava no instante da morte do dono da casa. Acreditava que processo similar começava a repetir-se com álbuns de retrato e móveis como pianos, sofás, cadeiras, tornando-se objetos de antiquário que “não deixam de guardar, como frascos de perfumes vazios, as fontes de velhos odores” (Freyre, 1979b, p. 21). Sem contar aquelas portas mais explícitas para o

transcendente: talismãs, símbolos profiláticos, de proteção do lar contra o visível e o invisível, ícones que, como os álbuns de retratos preservavam a lembrança e presença dos mortos, eram avatares dos santos, tornados quase que da família.

Os objetos fazem parte da comunicação de *status* em cada lugar e época, o que repetidamente observa. No Brasil Colônia, diante da rusticidade dos móveis e austeridade dos interiores, os sinais de posses estavam nas taças de ouro e na prataria – nas baixelas, pratos e talheres, nas bridas e estribos dos cavalos, e nos cabos das facas de ponta (Freyre, 1941b). As facas de ponta merecem uma atenção pelo orgulho regional que lhe davam, uma vez que as melhores eram feitas em Pas-mado, povoado próximo a Olinda, a “Toledo da região”, com cabos de prata artisticamente trabalhados, e tratadas como jóias, mortíferas, pelos homens de todas as classes (Freyre, 1968). Relaciona à ostentação cavalheiresca a prata nos apetrechos dos cavalos, inúteis para transporte na Zona-da-Mata pelo tanto que as condições do solo os maltratavam. Em outro momento, nos sobrados, denotavam a hierarquia patriarcal o ordenamento, tipo e matéria-prima dos móveis (Freyre, 2004; 2013b).

Pequenos adereços também portavam significado: chapéus de sol, guarda-chuvas e bengalas, de madeira nobre e com cabos de ouro ou marfim, “muitos deles simbólicos de autoridade ou de poder: cabeças de leão, de águia, de tigre, de serpente, de dragão” (Freyre, 2004, p. 523), todos sintomáticos do *status* do portador. Objeto, forma, material, tudo podia estar impregnado de importância. Não é um acidente a atenção às pequenas esculturas de animais, como se verá. Identificava o valor dos óculos entre populações nativas da Guiné e Angola, o orgulho em usá-los, em ostentá-los em fotografias solenes; obviamente estariam carregados de valor particular para aquela sociedade (Freyre, 2010a).

Onde mais desenvolve a ideia dos transobjetos é quando tenta rastrear a presença germânica no Brasil, e nas possibilidades de transfusão e fusão cultural, em coisas que “de materiais passaram a transmateriais; a transcoisas” (Freyre, 1987, p. 16). Os alemães entraram tardiamente na sociedade brasileira, por meio de seus produtos, que chegavam a sobrepular os britânicos e franceses: a cerveja alemã venceu a inglesa; o presunto de Westfalia competiu com o de York, e assim por diante em longa enumeração. Destaque conferiu ao piano, a partir dos anos 1840, cujo triunfo fora também “da música, que se tornou expressão significativa da projeção da

cultura germânica no nosso país” (Freyre, 1987, p. 15). Viraram sinal de prestígio, exigindo (em especial o piano de cauda) um espaço próprio, uma sala-de-visitadas ou mesmo uma sala-de-música, tornando-se “como que pessoas de casa” (Freyre, 1987, p. 16). Não eram apenas objetos técnicos, mas também estéticos.² No caso do piano, sua forma e aquilo que ele suportava, a própria música. Tornaram-se “objetos-sujeitos como centros de estruturas ou de sistemas, além de funcionais, simbólicos, de recheio de salas, salões, alcovas, de casas de residência patriarcal ou burguesa brasileira” (Freyre, 1987, p. 16).

Fundamental é o conceito antropológico de *complexo*, que emprega repetidas vezes, explicando em conferência de 1935 como “a sucessão ou a reunião de vários usos e expressões em que se manifeste um elemento de cultura, característico de um grupo” (Freyre, 1973, p. 5). Por isso que: “[u]m produto de arte ou de indústria [...] é, senão sempre o centro, a expressão mais evidente de um complexo cultural ou sociocultural”, organizando em torno de si uma série diversa de atividades: a extração da matéria-prima, seu tratamento, sua transformação em um artefato, o seu desenho para a sedução comercial, acabando por ser “uma miniatura de toda uma cultura e de sua ecologia: da natural à social” (Freyre, 1987, p. 20). Por isso para Freyre o piano alemão trouxera consigo o seu desenho, a sua tecnologia, o romantismo na música, e mesmo a floresta alemã domesticada.

Em torno de objetos também se fixavam crenças supersticiosas: era mau agouro o chapéu de sol aberto dentro de casa, e o chinelo virado implicava na própria morte da mãe do seu dono (Freyre, 2004).

Para Freyre, artefatos fundamentais eram os brinquedos, parte indispensável de uma história da infância, um de seus primeiros projetos e o núcleo da sua obra. Encontrou reminiscências ancestrais e medos antigos ao esboçar uma história do brinquedo, com suas transformações e permanências. Suspeitava que os brinquedos indígenas de barro – figuras de animais e gente - encarnavam também o animismo e o totemismo, além da magia sexual. A matéria-prima dos brinquedos coloniais foi o pano, talvez de procedência africana, e neles teria perdurado o “gosto

da criança pelos brinquedos de figuras de animais” (Freyre, 2006a, p. 202). Apesar da invasão dos produtos industrializados da Alemanha e Estados Unidos, na sua época ainda via, nas feiras do interior, brinquedos de figuras de animais: besouros, lagartixas, macacos, sapos e tartarugas. Como, no sentido contrário, persistia o antigo hábito indígena de domesticar passarinhos e tratá-los como brinquedos. A selva e o mundo mágico dos brinquedos infantis possuíam vários vasos comunicantes.

Os ex-votos são outro recurso particular de investigação, além do óbvio colorido do que era “a grande arte popular do Brasil colonial” (Freyre, 2011, s/p): esculturas de madeira, barro ou cera, de partes do corpo – cabeça, tronco, membros, ou órgãos, como coração e olhos – oferecidos em paga pela cura de alguma doença. Eram objetos que revelam os apreços por outros objetos, concreções dos vínculos simbólicos, por meio da magia simpática. O princípio que o torna poderoso é a maneira como o brasileiro se projeta nas coisas, expande seus vínculos, e cria relações “familiares” com outros seres, animados e inanimados, pois “pende a espiritualizar suas relações com a natureza, com plantas, com águas, com animais, e não apenas com pessoas” (Freyre, 1988, p. 400). Além das partes do corpo, os ex-votos revelam valores agrários, “moendas, animais, patas e cascos de bois, cavalos, carneiros, ovelhas, plantas, espigas de milho” (Freyre, 2010c, p. 353), e denunciavam tanto a mecanização da vida humana – pedidos para recuperar motores, moendas, tratores (Freyre, 1988) –, como a humanização do mecânico, pois o promesseiro incorporava a máquina à sua família, tratando os instrumentos e as novas máquinas como irmãos, parceiros no trabalho e mercedores do carinho fraternal, revelado ainda nos nomes que davam às máquinas, “como se o ferro fosse gente” (Freyre, 1988, p. 400). Os ex-votos também demonstravam pedidos de intervenção divina (a São Severino, a Santa Quitéria, entre outros) na obtenção da casa própria, uma “quase mística”, pagos “sob a forma de miniaturas de casas em miniaturas de massa, de barro ou de madeira” (Freyre, 1979b, p. 15). Por isso eram importantes para Freyre: os ex-votos são sismógrafos do sentimento, dos afetos, das aspirações do povo.

²Apesar de advogar por sua precedência – o que não é mentira – sobre a obra de Jean Baudrillard (*Système des Objects*, 1968), o citava abertamente por observar que as máquinas não eram apenas objetos técnicos, na medida em que se desprendiam de suas funções originais e se tornavam outra coisa (Freyre, 1987, p.16). Também se referia à obra de Roland Barthes, *Système de Mode*, de

1963. Mantinha-se atento à literatura das Ciências Sociais e, diante de trabalhos que convergiam com o seu, apontava a coincidência, e o reforço que isso implicaria, ao mesmo tempo em que reclamava a anterioridade (em alguns casos, válida), e adaptava os conceitos alheios aos seus próprios, muitas vezes alterando significativamente o original.

Uma Ecologia Simbólica

Gilberto Freyre se jactava de haver introduzido no Brasil o termo *Ecologia*. Emprega-o, no entanto, em sentido diverso daquele atual e da ciência homônima, do estudo da unidade formada na relação entre todas as espécies de uma região e seu meio. Nesse equívoco caíram Pallares-Burke e Burke (2009) e Raul Lody (2007), como outros, escapando-lhes os significados próprios que Freyre embutia no termo.

Em alguns momentos refere-se à Ecologia Humana, tal como apresentada pela Escola Sociológica de Chicago, em termos de compreender a dinâmica humana no espaço analogamente ao que ocorria com espécies animais e vegetais (Freyre 1967; 2004). Em outros – e às vezes no mesmo texto – realiza sua particular *adaptação*, trazendo os conceitos para seu próprio corpo teórico.³ A ideia de um homem *situado no meio*, inspirada na obra do filósofo espanhol José Ortega y Gasset, incluía a casa e o seu entorno, dentro de uma ecologia ampliada da qual participavam também as forças invisíveis. Assim como os vínculos simbólicos que existiam entre as partes da realidade, conectando o homem e o mundo natural.⁴ Assim, atentava para animais e plantas como parte desse “ecossistema”.⁵ Neste caso, esperamos que os exemplos da obra freyreana ilustrem a abrangência e método do seu olhar.

Os animais estavam por todos os lados, partes funcionais das moradias que estudara, em especial no mundo rural. Na Zona-da-Mata nordestina, o empreendimento da monocultura açucareira trouxe seus próprios animais de corte: o boi, o carneiro, o porco e o pombo, sem criar ou amigar-se com os da terra. Trazia-os à mesa quando caçados, pescados e catados, relegando-os à condição de “bichos do mato”, genéricos e em boa medida desconhecidos – apenas o caboclo e o quilombola conheciam-nos, via de regra pelo nome indígena (Freyre, 1951). Na casa es-

tavam papagaios, araras, galos de campina, e canários, em especial os de briga, com cachorros a serviço como vigias e companheiros da caçada, ligados à “vida emotiva dos homens”, e os gatos, no combate à praga dos ratos.

No estudo integrado dos animais, havia aqueles que praticamente se tornavam parte da família ampliada: “macacos tomando a bênção aos moleques do mesmo modo que estes aos negros velhos e os negros velhos aos senhores brancos. A hierarquia das casas-grandes estendendo-se aos papagaios e aos macacos” (Freyre, 2006a, p.43). Mesmo as árvores eram incorporadas à família ampliada. Freyre apontava como um traço nordestino, talvez tributário aos franciscanos (velha e constante tese sua). Lembrava de uma negra velha que conhecera que conversara com uma jaqueira como se amiga íntima, e resgatava o relato de Augusto dos Anjos da amizade a um frondoso tamarindeiro em sua infância (Freyre, 1955).

Seu olhar era abrangente. Considerava os inimigos do lar. Como, na lavoura e casa-grande, o morcego e a raposa. Incluindo os menores, tais como o carrapato assolando o gado, e, atormentando aos humanos, os mosquitos, vetores da malária e outras doenças, verdadeiro contra-ataque da Mata, com maiúscula, símbolo da natureza informe, selvagem e hostil. A casa-grande se fechava contra a água, o sol, o ar, o “sereno”, miasmas e bichos, trancadas as portas e janelas a ferrolho (Freyre, 1951, p. 148).

Os sobrados e as chácaras também eram unidades produtivas, e com isso apresentavam esse ecossistema domesticado, com vacas de leite e cabras, galinhas e perus, coelhos e porcos, cavalos de passeio e carneiros mochos para passeio dos meninos. No seu interior mantiveram-se as gaiolas de pássaros canoros, presentes também nas casas térreas e mucambos (Freyre, 2004). Os gatos percorriam a casa, até as alcovas mais resguardadas, importantes na “defesa das roupas e da comida,

³Os Burke perceberam que Gilberto Freyre tinha um conhecimento vasto da literatura de Ciências Sociais, e tratava de manter-se informado. Porém os conceitos que tomava para si eram “adaptados”, transpostos para seus próprios fins. Como fizera com a “mobilidade vertical e horizontal” de Pitirim Sorokin (Omitido). Isso tem uma implicação hermenêutica importante: os conceitos que emprega, por mais que sejam creditados a terceiros, devem ser compreendidos a partir do conjunto da obra do próprio Freyre, e não do seu criador.

⁴Quem fez empreendimento análogo, de compreender a relação do homem com o mundo natural na Inglaterra em um período de alguns séculos, foi Keith Thomas, em seu *Man and the Natural World: Changing Attitudes in England, 1500–1800*, de 1983 (Thomas, 2010), onde também explorou

vínculos revelados pelo uso das palavras, por ditos populares e outros testemunhos orais. Mas a obra de Freyre, em especial *Nordeste* (1937), tem meio século de precedência.

⁵Cecília Maria Westphalen (2001), em artigo específico sobre a cultura material, assinala que Freyre estudava os animais agrupados nos pares dicotômicos e complementares, como costumava tratar os assuntos. Alguns dos pares foram aqui aludidos, outros organizados de outra forma, não tão explícitos na obra freyreana – mais uma interpretação da historiadora, apesar de válida, na medida em que são indicações contidas na obra. Westphalen, contudo, não considera à larga as camadas de significado, e sobretudo não as crenças, que exploramos aqui.

contra os catitas, os gabirus, os camundongos, as baratas – inimigos internos do sobrado” (Freyre, 2004, p. 344).

Dessa miríade de adversários, os insetos eram de difícil exorcismo: pernilongos, razão do uso extenso dos mosquiteiros; moscas, pulgas e percevejos, assolando todos os cômodos, daí a queima de ervas dentro dos quartos. Os santos eram solicitados nos afazeres domésticos, incluindo na intervenção no ecossistema doméstico. São Bento era invocado para a proteção dos doces contra as formigas, praga secular de cuja ferocidade nos olvidamos. Contra esses inimigos, mais o mofo, o cupim e a traça, papéis com orações, como a Jesus, Maria e José ou a São Brás eram postos na porta do guarda-comida.

Aqui abre-se um mundo importante: o resguardo da casa contra as ameaças. Daí o papel dos cães, soltos à noite, com nomes reveladores, onde figurava o terrível (como Rompe-Ferro ou Rompe-Nuvem), quando não o aumentativo em “ão”: Gavião, Trovão, Furacão (Freyre, 2004). Os mucambos também tinham seus animais: galinhas e cachorros, magros, em vez daqueles mais fornidos dos sobrados (Freyre, 2004).

Mas os animais estavam carregados de sentido. Entre os muitos efeitos da monocultura açucareira estava a distância social entre os senhores de engenho e a legião de pessoas que trabalhavam, livres e escravos. Seus grandes animais foram o cavalo e o boi, o primeiro adquirindo ares aristocráticos junto ao senhor de engenho, o segundo a quem coube relacionar-se com o trabalhador (Freyre, 1951).

Era o cavalo ajaezado com adereços de prata e exibia suas qualidades militares para ostentação do seu proprietário, enquanto o boi era força motriz de máquinas, besta de carga e servia até para as iniciações sexuais no engenho. Os nomes, sempre eles, demonstravam essa relação: os dos cavalos eram nobres – como Sultão, Príncipe, Marajá – enquanto os dos bois eram mais íntimos e menos pomposos: Moleque, Veludo, Malunguinho. Junto com o negro era o boi “o alicerce vivo da civilização do açúcar” (Freyre, 1951, p. 136), e tal laço de solidariedade, reconhecimento e mesmo projeção explicitava-se no bumba-meu-boi, que o negro tornou “expressão de muita mágoa recalcada: a glorificação do boi, seu companheiro de trabalho, quase seu irmão” (Freyre, 1951, p. 140). Como talismãs, certas partes de animais protegiam contra o mau olhado – mariscos, búzios, dentes de jacaré e de

cobra – e para trazer sorte, ferraduras de cavalo e chifres de boi – o que reforçava sua tese sobre o binômio de animais centrais à Civilização do Açúcar.

Outra correspondência entre homem e animal estava nas cabras: sustento das famílias, em especial as mais pobres, era termo empregado para pessoas, exigindo que nos anúncios de jornal da primeira metade do século XIX se distinguisse se se referia a um ser humano ou a um animal (Freyre, 2004).

A semiótica social também se manifestava nas cidades. O cão de raça era típico dos sobrados; os vira-latas, dos mucambos. Como a vaca de leite, em contraste com a cabra. O mesmo se repetia entre o cavalo e a mula (Freyre, 2004).

Mas o caso mais curioso está nos parasitos. O bicho-de-pé era democrático: assolava a todos. Mais: o organismo dos brasileiros parecia haver se acomodado a essa criatura, que se tornara “uma iniciação na condição brasileira a que raros meninos escapam” (Freyre, 2006b, p. 53). Se no brasileiro tinha esse papel e sua coceira podia deixar saudade, “se o pé é de inglês, pode acontecer o que aconteceu a Mr. J. [um missionário inglês]: infecção, febre, delírio, morte”. Já o piolho era mais seletivo. Além da incitação à sua catadura, por parte das mucamas, e da volúpia, esses parasitos seriam sinais de cabeleira e, portanto, de uma condição superior. Ao contrário das negras, ainda mais as escravas, que tinham o cabelo mais rente, cortado ou mesmo raspado. Como dissera uma antiga escrava, Felicidade, piolho era “luxo de branco [...] Bicho-de-pé – generalizava – dava em negro e em branco; piolho, só em branca fina. (Freyre, 2013b, s/p).

Os animais também participavam da interpenetração de culturas, no caso, da “invasão inglesa”: o cavalo de corrida (e o hábito do turfe, com suas estruturas correlatas), o cachorro de raça (em especial o buldogue, *bulldog*) e o gado de raça (Durham, Hereford, Polled Angus), “que veio aristocratizar cercados ou pastos do sul do Brasil e algumas cocheiras e campinas do norte” (Freyre, 1948, p. 57), pelo prestígio que traziam consigo.

Mencionamos já as bengalas, arrematadas por cabeças de leão e tigre, serpente e dragão, todos símbolos de poder e autoridade. Havia crenças ligadas às plantas e animais, onde a conexão simbólica tinha um grau a mais de importância, com implicações reais, positivas ou negativas. Valores cristãos, e sua semiótica própria, apareciam. Havia quem não comesse carne de carneiro por evocar o Cordeiro de Deus

(Freyre, 2004). A banana não se podia cortar na transversal, por aí revelar-se a cruz no seu miolo.

Em um grau mais geral, certas plantas eram especialmente agourentas: a hera na parede ou o pinheiro caso atingisse a altura da casa, em uma clara correspondência com o imóvel interpretado como a família e sua sobrevivência (Freyre, 2004). Os agouros se estendiam aos animais: do gato preto rondando a casa, do besouro mangangá em volta do lampião ou candeeiro, entre outros (Freyre, 1979b). Certos pássaros anunciavam a morte de alguém da casa, como a coruja, caso pousasse no beiral do telhado, ou ainda a vinda do acauã, ou do anum, sentado nas árvores vizinhas. Entrando durante a aurora, traziam desgraças a alma-de-gato, o beija-flor, o jacamim. (Freyre, 2004). Eram agouro certos insetos, como gafanhotos e formigas voadoras. Ou as desconfianças com o sapo cururu ou a borboleta preta que também ousasse entrar na casa (Freyre, 1942). Os sapos tinham a particularidade de servirem como recurso de feitiços, parte da plêiade de poderes invisíveis que rondavam a família e sua casa. Não raro apareciam em oferendas, nas chamadas “macumbas”, com o ar sinistro que evocavam, com a boca costurada, revelados pela manhã. Por outro lado, eram portadores de boa sorte, da felicidade, esperança ou aranha que entrassem na casa, no domínio da família (Freyre, 1942).

Para além do vínculo difuso dos agouros e simpatias, havia o mais estreito dado pela feitiçaria. Se se herdou da Europa a crença no poder mágico da mandrágora e das pedras de ara, empregadas durante a gravidez como forma de proteção, métodos africanos foram transplantados e adaptados à flora e fauna locais, previamente identificadas pelos índios. Animais ganharam interpretação muito particular, como o morcego e a coruja, o pombo e a galinha, e em especial o sapo, como mencionado.

Mas da vasta presença dos animais nas anedotas, canções, poesia, histórias, seria essencialmente dos “animais importados e não tanto os da terra” (Freyre, 1951, p. 155). Apesar da persistência em um grau menor da fauna nativa (a cobra, o cágado, a onça, o tatu, por exemplo) em certas expressões, a prevalência seria da alóctone. E se os animais da terra eram “bicho-do-mato”, haveria todo um complexo social

em torno do *bicho*, palavra de enorme elasticidade que designava uma vasta coleção de seres reais e o informe dos imaginários, parte integral da educação: “[o] bicho era qualquer animal capaz de fazer medo ao menino e receio ou repugnância a gente grande” (Freyre, 1979a, p. 235). Está nas brenhas da floresta, nas frinchas da casa, como dentro do corpo, tal como o bicho-de-pé ou a lombriga. Dentro do reino noturno dos pesadelos, o “menino brasileiro do que tem medo não é tanto de nenhum bicho em particular, como do bicho em geral, um bicho que não se sabe bem qual seja” (Freyre, 2006a, p. 199), cuja manifestação mais clara era o bicho-papão.

Seria expressão ainda de tal complexo o popular jogo-do-bicho (Freyre, 2006a), que ademais fornecia um código de interpretação dos sonhos, vinculando-os com a sorte possível, trazendo o onírico para o complexo do bicho (Freyre, 1942).

Essa atenção aos animais, físicos e figurados, era parte indispensável da matriz de observação de Gilberto Freyre, e a aplica a Félix Cavalcanti de Albuquerque (1821-1901) (Freyre, 2013a): indicava os animais que invadiam a casa, sua afeição geral pelos animais e suas criações, e mesmo onde não compartilhava com a cultura local: o gosto pelas gaiolas de passarinhos e galos de briga, pelo turfe (o esporte e os animais ingleses) e pelo jogo do bicho.⁶

Até que ponto Manoel Bandeira e Lula Cardoso Ayres seguiram indicações de Freyre não temos como saber. Apenas que as representações gráficas – a perspectiva a vôo de pássaro e a planta baixa – são felizes exibições de um sobrado carregado de seres vivos e significados.

⁶Gilberto Freyre comentou o livro *Memórias de um Cavalcanti*: trechos do livro de assentos de Felix Cavalcanti de Albuquerque Mello (1821-1901) escolhidos e anotados pelo seu bisneto Diogo de Mello Menezes. Publicado em 1940 pelo bisneto de Félix, e ocasionalmente primo do próprio Freyre, serviu como mote para um ensaio, onde empregou a citada matriz de observação (Freyre, 2013a).

Atentou para seus animais. Para as muitas casas em que viveu. Mencionando os capoeiras de Recife da época, atentou para seus apelidos e signos tatuados na pele. Os nomes dos filhos e netos do patriarca, que apontavam para as mudanças dos tempos. No menor dos textos, aparecia a malha de preocupações e temas constantes do sociólogo.

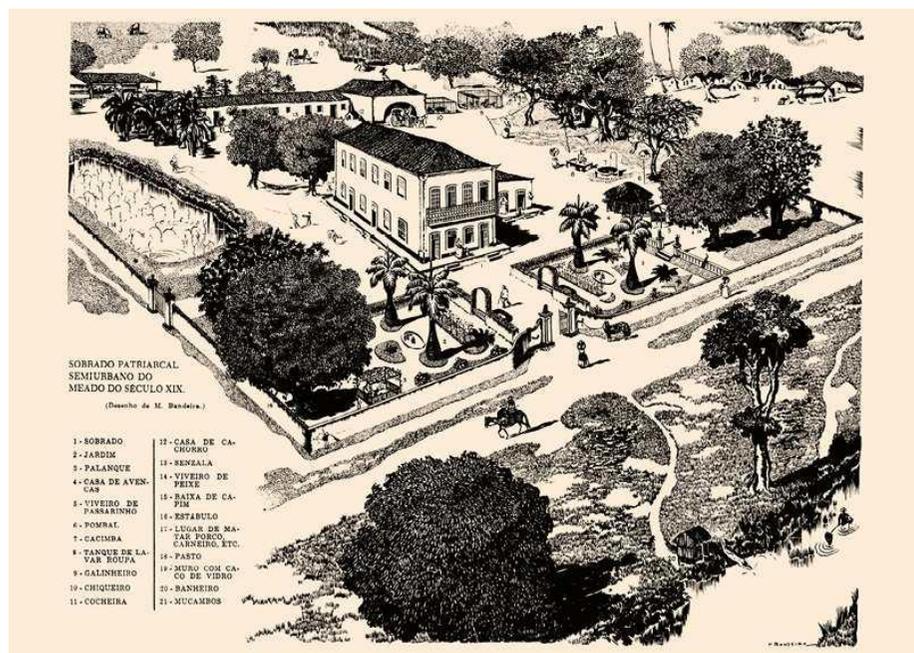


Figura 1. Sobrado semiurbano do meado do século XIX, ilustração a bico-de-pena de Manoel Bandeira (1900-1964).⁷ Ao contrário das pinturas de Teles Junior, nesse desenho estão as pessoas e os animais em movimento. Estão os animais de criação, os meninos, os serviçais, como também as muitas plantas que rondam a casa, dentro e fora do lote. Embora este desenho, de fato, se aplique mais ao que Freyre chama de “casa de sítio” – que no Rio de Janeiro chamava-se “chácara”. Fonte: Freyre, 2004.

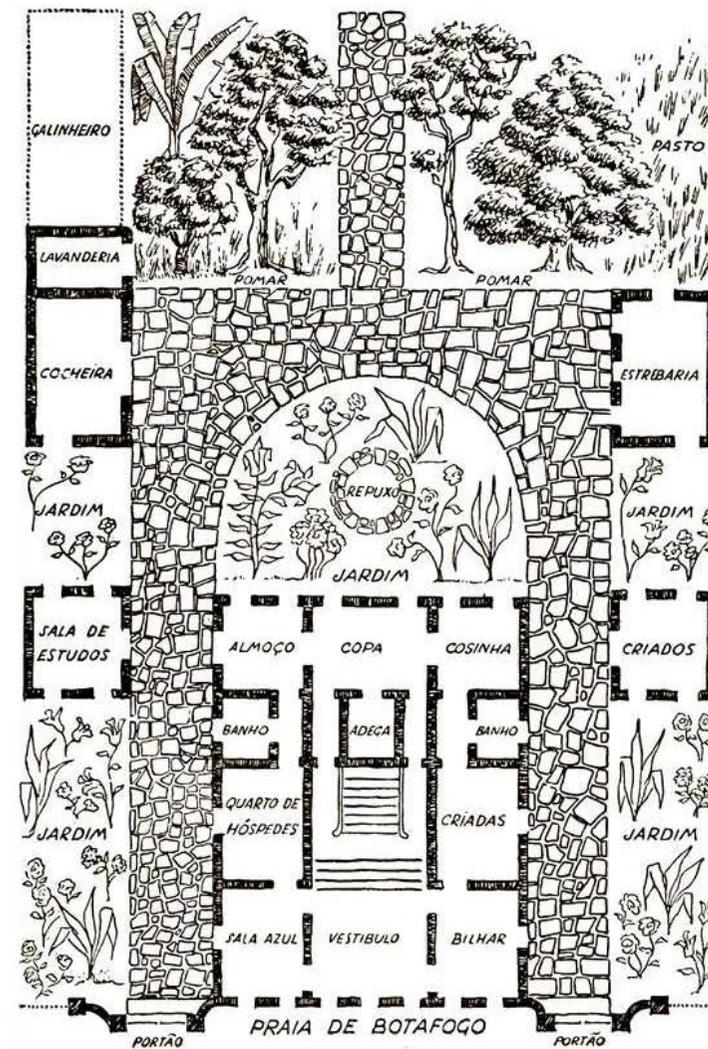


Figura 2. Sobrado urbano, residência do barão de Itambi, na Praia de Botafogo, Rio de Janeiro, em 1850. Desenho de Lula Cardoso Ayres (1910-1987). Mesmo em planta baixa, a ilustração mostra essa densidade, funcional e simbólica, entre o edifício, os vários locais dos homens (como o dos criados e a da lavanderia), dos animais (cocheira, estrebaria, galinheiro) e plantas (jardim, pomar, pasto). Fonte: Freyre, 2004.

⁷Não confundir com o poeta Manuel Bandeira (1886-1968), homônimo, contemporâneo, também pernambucano e também amigo de Gilberto Freyre.

Conclusão

Ao contrário da sensibilidade da Arquitetura Moderna – do espaço, do vazio, da limpidez, beirando a assepsia – o mundo que Gilberto Freyre enxerga, nesse projeto particular de modernidade, está entulhado. Está repleto de pessoas, animais, coisas e evocações. O presente é atravessado pelo passado, real ou imaginário – a lembrança dos entes queridos, fantasmas e assombrações, o resíduo toponímico poético. Viver é deixar rastros, algo intuído por Walter Benjamin. O olhar do cientista social é como o do detetive, tão caro a Benjamin, que busca nos rastros, nas impressões digitais e pegadas, a verdadeira identidade de quem esteve no local.

Aquilo que demonstramos aqui não é uma apologia do espaço, mas sim o imaginário da vida, individual e em sociedade, em todo seu colorido e tessitura. A vida não é circular por espaços, mas coexistir com outros seres – humanos e animais, animados e inanimados, vivos e mortos, reais e fantásticos, concretos e imateriais – em uma trama densa e emaranhada. Alguns tópicos Gilberto Freyre pôde explorar em profundidade, outros apenas indicar a existência e sugerir possibilidades.

Importante é como ele olha tais elementos: não apenas a presença, mas suas imagens espectrais, sua multiplicação em reflexos e significados. E o que isso implicava em termos de conexão entre as partes e esferas da vida humana. Por exemplo, certas receitas culinárias, bem como canções de ninar, ou a relação com os santos e o apelo a feitiços e sortilégios, revelavam a formação e continuidade da família como uma preocupação central. Os ex-votos, que lhe serviram para monitorar os afetos populares, revelavam aspirações e valores: a saúde corpórea, aspectos da vida agrária, a casa própria, as novas máquinas. Ou ainda complexos mais difusos, como o do bicho, que ia da floresta aos sonhos.

Sendo o brasileiro um místico, isso seria ainda mais fácil. Por todos os lados estavam os vestígios dos antigos tabus indígenas, do fetichismo e totemismo africano, e novas vertentes como a astrologia: “na sua dieta, na vida íntima, na arte doméstica, na atitude para com as doenças, os mortos, as crianças recém-nascidas, as plantas, os animais, os minerais, os astros etc” (Freyre, 2006a, p. 172). O brasileiro conecta partes distintas da realidade, resquícios da antiga mentalidade eivada da Doutrina das Correspondências, onde todo o Universo falava, por todos os cantos, em todas as coisas. Isso ainda persiste entre as pessoas, e explica porque os ex-votos dizem tanto ao olhar do sociólogo: porque à mão do fiel, de fato, a miniatura

do objeto e o objeto (casa, trator, etc.) tinham um vínculo evidente e real.

Contudo seu método interpretativo apresentava uma modalidade sociológica das correspondências, como as alusões das coisas revelavam algo das duas partes, a exemplo do que explora sobre cavalo e o boi, ou a cabra.

De todas as formas, ao longo de sua obra, se pode delinear o que constitui uma espécie de portulano do imaginário, de aplicação ainda fecunda.

Referências

BENJAMIN, Walter. Paris, a Capital do Século XIX. Exposé de 1935. In: BENJAMIN, Walter. **Passagens**. Belo Horizonte/ São Paulo: Editora UFMG/ Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2009.

CORBIN, Alain. **El Perfume o el Miasma**: el olfato y lo imaginario social. Siglos XVIII y XIX. Mexico: FCE, 1987.

FREYRE, Gilberto. A Propósito de Algumas Tendências Atuais da Antropologia. In: FREYRE, Gilberto. **Problemas Brasileiros de Antropologia**. 4ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora/ Brasília: Instituto Nacional do Livro, 1973. [Publicado originalmente em 1943.]

FREYRE, Gilberto. Apologia pro Generatione Sua. In: FREYRE, Gilberto. **Região e Tradição**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Ed., 1941a.

FREYRE, Gilberto. Aspectos de um século de transição no Nordeste do Brasil. In: FREYRE, Gilberto. **Região e Tradição**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Ed., 1941b.

FREYRE, Gilberto. **Aventura & Rotina**. Sugestões de uma viagem à procura das constantes portuguesas de caráter e ação. São Paulo: É Realizações, 2010a.

FREYRE, Gilberto. Bichos reais e imaginários. In: FREYRE, Gilberto. **Pessoas, Coisas e Animais**. Edição especial para MPM Propaganda. São Paulo: Círculo do Livro S/A., 1979a. Publicado originalmente em 27 de junho de 1942 no *Diário de Pernambuco*.

FREYRE, Gilberto. **Casa-Grande & Senzala**. Formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. 51ed. rev. São Paulo: Global, 2006a.

FREYRE, Gilberto. **Ferro e Civilização no Brasil**. Recife: Fundação Gilberto Freyre/ Rio de Janeiro: Record, 1988.

FREYRE, Gilberto. **Guia Prático, Histórico e Sentimental da Cidade do Recife**. 2ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Ed., 1942.

FREYRE, Gilberto. Homens, casas, animais e barcos do São Francisco. In: FREYRE, Gilberto. **Pessoas, Coisas e Animais**. Edição especial para MPM Propaganda. São Paulo: Círculo do Livro S/A., 1979b. [Publicado originalmente em 30 de outubro de 1949 no suplemento literário do *Diário de Notícias*.]

FREYRE, Gilberto. **Inglese no Brasil**. São Paulo: Livraria José Olympio Editora, 1948.

FREYRE, Gilberto. **Manifesto Regionalista de 1926**. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura/ Departamento de Imprensa Nacional, 1955.

FREYRE, Gilberto. **Mucambos do Nordeste**. Algumas notas sobre o tipo de casa popular mais primitivo do nordeste do Brasil. 2ed. rev. Recife: Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, Imprensa Universitária, 1967.

FREYRE, Gilberto. **Nordeste**. Aspectos da Influência da Cana sobre a Vida e a Paisagem do Nordeste do Brasil. 2ed. revista e ampliada. São Paulo: Livraria José Olympio, 1951.

FREYRE, Gilberto. **Nós e a Europa Germânica**. 2ed. Rio de Janeiro: Editora Bra-Deutsch Ltda., 1987. [Publicado originalmente em 1971.]

FREYRE, Gilberto. **Novo Mundo nos Trópicos**. 3ed. rev. São Paulo: Global Editora, 2011. [Primeiro publicado como *Brazil, an Interpretation* em 1945, depois como *New World in Tropics*, ampliada em 4 capítulos e introdução].

FREYRE, Gilberto. O que dizem as casas e os móveis (1924). In: FREYRE, Gilberto. **Retalhos de Jornais Velhos**. [2ed, rev. amp. de *Artigos de Jornal*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Ed., 1964].

FREYRE, Gilberto. **O Luso e o Trópico**. São Paulo: É Realizações, 2010b.

FREYRE, Gilberto. O Velho Félix. In: FREYRE, Gilberto. **Perfis de Euclides e Outros Perfis**. 1 ed. digital. São Paulo: Global Editora, 2013a.

FREYRE, Gilberto. **Oh de Casa!** Em torno da casa brasileira e de sua projeção sobre um tipo nacional de homem. Recife: Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, 1979b.

FREYRE, Gilberto. **Olinda**. 2º Guia Prático, Histórico e Sentimental de Cidade Brasileira. 4ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1968. [Primeira edição de 1939.]

FREYRE, Gilberto. **Sobrados & Mucambos**. Decadência do patriarcado rural e desenvolvimento do urbano. São Paulo: Global, 2004.

FREYRE, Gilberto. **Tempo Morto e Outros Tempos**. Trechos de um diário de adolescência e primeira mocidade 1915-1930. 2 ed. rev. São Paulo: Global Editora, 2006b.

FREYRE, Gilberto. **Vida, Forma e Cor**. São Paulo: É Realizações, 2010c.

FREYRE, Gilberto. **Vida Social no Brasil dos Meados do Século XIX**. São Paulo: Global, 2013b. [Originalmente escrita em 1922].

LODY, Raul. **Do Mucambo à Casa-Grande**: desenhos e pinturas de Gilberto Freyre. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2007.

PALLARES-BURKE, Maria Lúcia; BURKE, Peter. **Repensando os Trópicos**: um retrato intelectual de Gilberto Freyre. São Paulo: Editora Unesp, 2009.

THOMAS, Keith. **O Homem e o Mundo Natural**: mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais 1500-1800. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

WESTPHALEN, Cecília Maria. Gilberto Freyre, Historiador da Vida Material: os bichos, as cousas e as técnicas. In: **Ciência & Trópico**, v.29, n.2, pp.491-502, jul/dez. 2001. Recife. Não está mais disponível no <http://www.fundaj.gov.br>.